

# Da transferência: sua provocação pelo analista

Jean Laplanche

Jean Laplanche visitará o Sedes em setembro deste ano.

*Percurso* apresenta aqui um texto seu, dentre os mais recentes, e que sugere algumas das direções pelas quais vai se encaminhando o pensamento do autor.

*Analista:* "Você me toma por um outro, eu não sou aquele que você pensa".

*Analizado:* "Mas justamente, o outro, o da relação originária, não era aquele que eu pensava. E tenho então razão de o tomar por um outro".

A transferência, ou mais exatamente a maneira de dar conta dela, foi sempre para mim objeto de insatisfação. Lancei formulações que correspondem a uma visão mais geral, a da teoria da sedução. Termos tais como "transcendência da transferência", "transferência em oco" (*a*), "transferência de transferência" e mesmo "transferência originária", são formulações abertas à discussão e ao "trabalho". Nem sempre somos os mais indicados para fazer trabalhar nossas próprias fórmulas.

Se adotei para introduzir esta palestra a oposição "transferência ordinária/transferência extraordinária", não foi para acrescentar duas categorias suplementares, dois novos conceitos; ela é no máximo um fio condutor possível que tomei, livremente, numa série de conferências sobre

"psicanálise ordinária e psicanálise ideal". Este binômio, ordinário/extraordinário, pode ter pelo menos dois sentidos: é uma mesma transferência, a nossa, a da psicanálise, que pode ser dita ao mesmo tempo ordinária e extraordinária, familiar quando a vivemos, desnorteante quando procuramos pensá-la: *heimlich* e *unheimlich*. Mas, de outro ponto de vista, talvez haja em algum lugar transferências ordinárias, e em outro, transferências extraordinárias, espécies de um mesmo gênero, o que seria tanto menos surpreendente quanto a própria palavra transferên-

Jean Laplanche - Psicanalista, membro da A.P.F. e autor de diversas obras, entre as quais *La révolution copernicienne inachevée*, Paris, Aubier, 1993, do qual este artigo é um dos capítulos. Tradução: Marcelo Marques Damião, a quem agradecemos pela colaboração.

cia supõe que se possa reencontrar a mesma coisa transposta para outro lugar.

Voltarei logo mais a esta segunda formulação, que remete à oposição das transferências no tratamento e das transferências fora dele. Por enquanto me deterei um pouco nesta idéia de que uma mesma transferência é o nosso ordinário, o quotidiano, o “ordinário do psicanalista” como se diz, mesmo se para Freud ela era o extraordinário, o momento da divina - ou melhor, da diabólica - surpresa: uma época que aliás parece relativamente distante. Diabólica, a desventura de Breuer, mas diabólica também para Freud esta transferência que ele considera como uma “cruz”, esta “fidelidade não desejada” que se opõe à rememoração. Lembremo-nos de “Para além do Princípio do Prazer”: a transferência é uma das razões mais importantes, a razão mais importante, para admitir uma coerção de repetição (*b*) que escaparia ao princípio de prazer. Lembremo-nos também das “Considerações sobre o amor de transferência”, um artigo frequentemente comentado, pelo menos desde O. Mannoni. Artigo que se apresenta da forma mais *dramática*, no sentido próprio, já que se trata de uma peça de teatro no qual, de repente, o fogo irrompe em cena, o fogo do amor real. Quem me contradirá, se disser que este artigo é no mais das vezes pretexto para exercícios de retórica, uma maneira de dar um pouco de medo a nós mesmos, de nos lembrar que explosivos manipulamos ao praticar o que chamamos de “tratamento de amor”? Uma maneira também de mostrar Freud, tanto quanto nós mesmos (e isto nos tranquiliza), preso numa armadilha quando se trata de distinguir normal e patológico, amor e transferência. Mas, quanto à prática, parece que não nos saímos tão mal assim com o amor de transferência, pelo menos enquanto este se situa dentro de limites não-psicóticos (mas neste último caso, não

deveríamos falar também de ódio de transferência?).

Na análise, naquela em que consiste nosso ordinário, a existência e mesmo a declaração de um amor de transferência se produz frequentemente de saída, confirmando, como se fosse necessário, seu aspecto de *coup de foudre*. É raro que recuemos, ou que incitemos, por exemplo, um “supervisionando” a recuar, a não iniciar o tratamento neste caso. Uma certa vigilância é conveniente, uma certa atenção a alguma dimensão estrutural, por exemplo os componentes “em espelho” da relação. Abrindo parênteses, não é notável que Freud, neste artigo, não se refira

Já não exigimos  
nem um "manejo"  
nem uma "dissolução"  
da transferência,  
como na época de  
Freud.

em absoluto ao texto importante onde introduz precisamente o problema do amor, da paixão amorosa, da *Verliebtheit*, isto é, ao texto sobre o narcisismo? É preciso verificar as datas e, por assim dizer, esfregar os olhos, para perceber que o texto sobre o amor de transferência é de 1915, e que no entanto nenhuma palavra dele remete aos desenvolvimentos sobre o amor em “Para introduzir o narcisismo”, que é de 1914.

Prossigo com este ordinário de transferência. Guy Rosolato, num artigo absolutamente notável, “A

prática: seu quadro, seus interditos”<sup>(1)</sup>, nos descreve em suma o que se faz no ordinário, em relação ao que se diz. O que se faz na França numa prática que ele chama de “prática de base”, considerada como ortodoxa, média, marcada - mas de maneira ponderada - pela passagem de Lacan, mas não pela prática dos lacanianos devotos. Uma descrição feita com humor, mas, como todo humor, impregnada de simpatia, mesmo na crítica. Em sua descrição, Rosolato, na verdade, só fala de passagem na transferência; não que ela esteja ausente, pois impregna o conjunto, mas o autor faz apenas algumas menções explícitas a ela. Não é o que sobressai também de nossas trocas clínicas, centradas de modo importante nos casos de supervisão? Consideramos como capital o reconhecimento da transferência, e mesmo a alusão discreta à contra-transferência. Mas não exigimos de nós mesmos, nem do outro, o que chamamos durante décadas de manejo tecnológico - uma *Handlung*, um *handling* - da transferência, e ainda menos (voltarei a este ponto) uma dissolução desta última.

Esta “prática de base” de que fala Rosolato, consideremo-la com a mesma benevolência que ele mesmo, uma benevolência não desprovida de interrogação. Digamos que, no conjunto, passamos da análise *da* transferência à análise *na* transferência. Isto supõe uma transferência de base, que seria, em suma, o próprio “meio” da análise, no sentido em que se fala de meio ambiente. A um meio, acabamos por nos habituar, por não mais percebê-lo. A própria idéia de que a transferência deve se estabelecer, evoluir e desaparecer se desvaneceu. A transferência, notou-se com razão, está ali desde o início, desde a primeira entrevista, frequentemente observada mesmo antes do começo do tratamento, num sonho por exemplo, constatada frequentemente no período que pode transcorrer entre a primeira entrevista e o início da aná-

lise. Um meio: repara-se pouco quando nele estamos mergulhados; um pouco mais quando se modifica mais ou menos bruscamente, ou quando dele saímos. Donde o interesse pelo que chamamos de “transferência lateral”. Trata-se de um termo de Freud? Não é evidente. Transferência lateral, um *acting*, uma infidelidade à relação analítica, o que fazer disso? Reconduzi-la para dentro da relação, interpretá-la em suma como uma *transferência de transferência*: “o que você não podia ou não queria me dizer, você o significou, agiu, no exterior”.

Característica deste ponto de vista é uma interpretação, ou antes, um contra-senso constante sobre um termo de Freud: *Übertragungswiderstand*. Este contra-senso foi bem indicado por Lagache, Pontalis e por mim mesmo, na medida em que este termo significa constantemente resistência *de* transferência, isto é, a resistência que é oposta à cura pela transferência: a transferência como uma das resistências mais importantes. Porque é um erro acreditar que Freud fale alguma vez de resistência à transferência: tal idéia nunca lhe vem ao espírito. Ora, este erro de tradução se presta a reflexão. Ele marca uma evolução capital a partir de Freud, visto que a transferência se tornou, de cabo a rabo, equivalente ao tratamento, sendo a resistência a um idêntica à resistência à outra. Será isto dizer que não falamos da transferência dentro do tratamento, que não analisamos a transferência? Certamente agimos com a “prudência” sublinhada de saída por Rosolato. Se interpretamos um movimento transferencial, não é para atacá-lo como defesa, não é para resolvê-lo, mas eventualmente para fazê-lo evoluir, ajudá-lo a evoluir.

Tanto quanto os termos resistência de transferência e resistência à transferência, seria interessante submeter à nossa reflexão o termo “dinâmica”. O artigo de Freud “A dinâmica da transferência” é um texto

bem decepcionante, se nele contamos encontrar o que quer que seja sobre uma “dinâmica” no sentido moderno do termo: um movimento dinâmico interno à transferência. O que é descrito por Freud é o determinismo da transferência em função das forças (logo das dinâmicas) inconscientes que a produzem. Mas de uma dinâmica como movimento, como evolução, como relação variável das forças, como dinamismo, nada disso é tratado neste artigo. Rosolato liga ao que chama de eixo “logodinâmico” esta “prática de base” por ele descrita<sup>(2)</sup>. Retomando livremente suas palavras, eu diria

A resistência à  
transferência  
tornou-se sinônimo  
de resistência ao  
tratamento.

algo assim: a palavra, na transferência, é reveladora do inconsciente, mas, simultaneamente, portadora de novo sentido. Neste segundo sentido da palavra “dinâmica”, precisamente no da logodinâmica, há bem pouco de dinâmica em Freud.

Interpretar a transferência: fazê-la progredir. A idéia de *Lösung*, resolução ou dissolução da transferência, tão prevalente em Freud, tão presente durante muito tempo na análise, parece ter passado ao segundo plano de nossas preocupações. E talvez não sem razão: dis-

solver a transferência não é serrar o galho sobre o qual se está sentado? A análise é análise até o seu último segundo, o que implica que, até o seu último segundo, ela é transferência. Não sem razão? Mas também não sem erro: e se a dissolução quase instantânea da transferência como “ilusão” fosse substituída, em nossos dias, por um tipo de desaparecimento progressivo dos limites da análise: passa-se a duas sessões, passa-se a uma sessão; por que não a uma meia ou a um quarto de sessão? Passa-se do deitado ao sentado; porque não, por caricatura, um divã com manivela, que levaria progressivamente o paciente a se sentar?

Em uma palavra, neste problema do fim se coloca, precisamente, todo o problema da análise: a passagem do extraordinário da análise ao ordinário da vida pode se conceber pelo menos de três maneiras: mudança radical de plano (do ilusório ao real ...), transição insensível, ou bem - e esta será minha tese - *transferência*.

De qualquer maneira, não se trata de demolir ou de reformar brutalmente esta prática de base, que acabo de completar um pouco no que diz respeito ao capítulo da transferência. Ela deu provas de seu valor, mas de um certo modo carece de prova, carece de reflexão sobre si mesma. Certo, ela se refere sempre a Freud, mas a referência se torna reverência. Ora, as diferenças e mesmo as divergências em relação a Freud são muito importantes. O que resta de Freud é sem dúvida um ponto essencial, mas não forçosamente bem argumentado, uma intuição e uma vivência: a especificidade, o caráter inaudito do que se passa na análise. A este caráter extraordinário permanece ligada a certeza de que é do sexual que se trata, e não somente de uma transferência psicológica em geral.

A última grande referência a Freud, a última explicitação coerente da posição freudiana é, evidentemente, o grande “Relatório” de Da-

niel Lagache<sup>(3)</sup>. Relatório que parece de certo modo defasado em relação ao que vivemos, mas que não está no entanto fora de moda, na medida em que a problemática que coloca não foi renovada na teoria. A problemática, vocês sabem, é a da “unidade da psicologia”; e já aí sublinharei minha diferença em relação a Lagache, pois penso, justamente, que é de uma dualidade da psicologia ou de uma dualidade do psiquismo que é preciso falar, para compreender o que quer que seja sobre a transferência. Por dualidade entendo simplesmente a que existe entre auto-conservação e sexualidade. Quem fala de unidade da psicologia, fala de fazer entrar o “infamiliar” no familiar, o extraordinário no ordinário, de fazer entrar a transferência psicanalítica nesta transferência psicológica de hábitos que só pode ser o destino comum de todo ser humano e mesmo de todo ser vivo.

■ Não seguirei este percurso de Lagache passo a passo; já o fiz há alguns anos, em meu livro sobre a transferência<sup>(4)</sup>. Trata-se de um percurso histórico, um de cujos momentos mais importantes é dado pela transição de Freud a uma autora contemporânea de Lagache, talvez hoje um pouco esquecida, Ida Macalpine. Com Freud, a especificidade da transferência analítica está ligada à especificidade do neurótico. É a neurose - o conflito inconsciente não-resolvido - que é criadora de transferência. Nem o analista, nem a situação, têm coisa alguma a ver com isso. “Exoneração” do analista denunciada fortemente por Lagache, em seguida justamente a Ida Macalpine. Com essa autora, em compensação, é a situação analítica, a análise como situação, que cria a transferência. O que é certamente um passo importante, a saudar como tal. Mas é um passo que fracassa - digo imediatamente - por insuficiente aprofundamento justamente do que é a situação analítica. Ida Macalpine define a situação como irrealizante, infantilizante, regressiva. Na análise,

se, nos diz Ida Macalpine, o sujeito regride porque se adapta a uma situação que é ela mesma regressiva. Fórmula inevitável, em termos de comportamento ou de relação de objeto. Esta fórmula inevitável, a promotora da idéia, Macalpine, não a evita: a transferência, diz ela, é uma reação infantil, mas perfeitamente justificada, dada a situação. No máximo podemos ajudá-la a evoluir; “resolvê-la” é duvidoso e, para falar francamente, fora de questão.

Lagache, por seu lado, mesmo se embarca inicialmente com Ida Macalpine, num dado momento sai do barco. Esquematizo sem dúvida seu

Para sair  
da “inocência” do  
analista quanto à  
transferência, não  
basta considerar que  
ela decorre da  
própria situação  
analítica.

... pensamento, mas é evidente que ele não pode seguir Macalpine até o fim. Embarcados na “relação” e na “situação”, e definindo esta última como regressiva, como sairíamos disso? Em nome do que? Em nome daquilo que é preciso chamar um golpe de força: o retorno - para julgar esta transferência considerada no entanto como *adequada* a uma situação que é ela mesma desrealizante - de uma outra norma, sob a forma daquilo que seria ajustado a uma situação presente e atual: uma relação razoável ao “analista real”. O termo

“interpretação de confrontação”, criado por Daniel Lagache, é perfeitamente explícito. É ela que, de um certo modo, visei no pequeno diálogo que me serviu de epígrafe: “não sou aquele que você pensa, você me toma por um outro”.

Finalmente, esta idéia de “confrontação” está assim tão fora de moda? Pode-se dizer que de certa maneira saiu do uso quotidiano, e que, concretamente, não é praticada *assim*. Entretanto, talvez permaneça presente no coração da prática corrente, e, mais ainda, no âmago da convicção de muitos analistas. No mais íntimo desta última, permanece como que a certeza de um desdobramento entre o patológico e o normal, o imaginário (ou o fantasma) e o real, o anacrônico e o presente, etc. Provavelmente (ou, pelo menos, o esperamos) o analista contemporâneo não possui a vaidade de se colocar como “a medida de todas as coisas”. A idéia de prova ou de exame da realidade não é mais um eixo explícito da prática. A aprendizagem da realidade fica mais implícita.

■ Desatinemos juntos - dizia Daniel Lagache - e, num segundo momento: agora, sejamos racionais! (c) Fórmula democrática por excelência: dos dois lados há desrazão e razão. Mas, apesar de tudo, o infantil, o anacrônico, o transferencial, em suma o desrazoável, continuam a ser, nesta concepção que critico, aquilo que deve ser mais ou menos reduzido, aquilo que se deve reduzir. O infantil é, apesar de tudo, considerado como um “menos”.

■ É aqui que meu curto diálogo deve deixar entrever o que é o eixo do meu discurso: para além de todos os desdobramentos se podem descrever no seio da transferência, passado-presente, irreal-real, inadaptado-adaptado, há o desdobramento primordial, aquele que faz com que, em toda simplicidade, o *outro* seja *outro*, mas com este paradoxo ou esta anfibiologia: ele é “outro que eu” porque é “outro que ele mesmo”. A

alteridade externa remete à alteridade interna.

Mas, antes de entrar nesta via, a relação entre a análise e a situação originária, farei um desvio. A origem desta comunicação não é o momento em que aceitei a proposta desta conferência. A razão de retornar à transferência é um recente colóquio sobre “a psicanálise fora do atendimento”, e uma mesa redonda intitulada “Transferência e contra-transferência na psicanálise fora do tratamento”<sup>(5)</sup>. Quatro insatisfações, quatro questionamentos se reuniram para me levar a formular em meu íntimo, e depois, nesta mesa redonda, uma espécie de resposta.

1. Quaisquer que sejam as formulações - psicanálise fora do tratamento, fora dos muros, transposta, exportada - não saímos do esquema da *aplicação*. O próprio título da mesa redonda é um testemunho disto. Trata-se sempre de encontrar um paradigma no tratamento (aqui o paradigma da transferência e da contra-transferência), e ver como ele se transporta para fora dele, isto é, para um lugar *segundo*.

2. E no entanto! E no entanto, a psicanálise não encontrou uma das suas dimensões mais fecundas na sua relação com o cultural? Não podemos sustentar que ela está originalmente em casa na reflexão sobre Sófocles, Shakespeare ou sobre o chiste? Logo, na cultura.

3. Por mais inaudito que seja o gesto de Freud na fundação do tratamento analítico, pode-se pensar que a relação psicanalítica seja sem antecedentes na história humana, sem correspondentes fora dela? Se não pensamos assim, se admitimos que a fundação da psicanálise seja um ruptura sobre um fundo de continuidade, então somos levados a postular e a procurar antepassados ou correspondentes da transferência fora do tratamento. Mas nesta busca, não menos falaciosa é a postulação inversa, se a generalizamos indevidamente: a repetição na psicanálise

seria apenas um caso particular da repetição própria a todo ser humano, e mesmo a todo ser vivo. Se, no sentido amplo, tudo é “transferência”, em toda parte e sempre - como lembra Lagache<sup>(6)</sup> - e se é vão acreditar que possamos nos transportar nós mesmos para um outro lugar sem levar conosco nossos hábitos - então a transferência analítica, dissolvida na transferência “psicológica”, perde para sempre sua especificidade. Ora, segundo nosso ponto de vista, não se trata de tal psicologização, de tal generalização da transferência, mas da exigência de encontrar um parentesco entre o que há de

Deve-se encontrar  
um parentesco entre a  
transferência na análise  
e a transferência  
fora dela: ele reside no  
enigma do outro.

mais específico na análise e o que se produz, não em toda parte, mas em lugares privilegiados que existem independentemente dela.

4. Enfim, a última insatisfação: não podemos aceitar o esquematismo que reduz a transferência a um transporte entre dois únicos pontos do tempo. Entre estes dois pontos, ao lado deles, devem existir etapas, intermediários; e para além deles, sucessores.

Disse-me então, disse - talvez demasiado rapidamente - durante esta mesa redonda: talvez procuremos algo que já foi encontrado. Ou talvez

o procuremos no sentido inverso: queremos transpor o modelo da transferência no tratamento para o que está fora dele (a psicanálise “fora do tratamento”), enquanto a transferência talvez já esteja “em casa” fora do tratamento.

Se se aceita, como dimensão fundamental da transferência, a relação ao enigma do outro, talvez - antes da análise, fora da análise, depois da análise - o lugar mais importante da transferência, da transferência “ordinária”, deva ser situado na relação multipolar ao cultural, à criação ou, mais precisamente, à mensagem cultural. Relação multipolar e a considerar com discriminação, mas sempre sob este ângulo da relação ao enigma. Três tipos de relação, pelo menos, poderiam ser descritos: na posição do produtor, na posição do receptor<sup>(7)</sup> e na posição do receptor-analista.

“Deitar no divã” Victor Hugo, Júlio Verne ou Leonardo da Vinci: conhece-se o caráter aproximativo, jornalístico, de tais fórmulas. O autor, é claro, está sempre ausente, definitivamente ou não. Mas talvez ele o esteja *por essência*, quer esteja morto ou não. O autor, dito psicanalisado por Freud ou por um dentre nós, não pode responder à interpretação por novas associações. A “logodinâmica”, onde está ela? Do seu lado ou do lado do leitor? André Green tirou disso uma conclusão que faz progredir: “Na psicanálise aplicada, diz ele, o analista é o analisando do texto”. Formulação que possui o mérito de repor em questão o paralelismo demasiado fácil: análise de Dora = análise de Leonardo. Mas talvez isso seja tomar as coisas já muito adiantadas. Antes de se perguntar - em se tratando do domínio cultural - qual é a posição do receptor-analista, e onde está a análise, é preciso primeiro se interrogar sobre a posição do receptor (do leitor) *em geral* e se perguntar onde está - não a análise, mas - a transferência. Pois a transferência não é o todo da análise.

*Der Dichter und das Phantasieren*, “O poeta e o fantasiar”: texto rico mas limitado, e que não satisfaz nossa expectativa. Mostra perfeitamente como nasce o conteúdo da obra imaginativa, e depois toca de leve, nas duas últimas páginas, na questão dita dos meios ou dos efeitos. Desenha-se aí, sem dúvida, alguma reminiscência da sedução, mas apenas em pontilhado. Mas Freud se atém, como sempre, à oposição principal e muito insuficiente: conteúdo/forma, ou ainda, fantasia/técnica. Em nenhum lugar se põe a questão: o que empurra simplesmente o *Dichter - sit venia verbo - a “dichtar”*? A criar e a comunicar? A comunicar criando? E sobretudo a comunicar *assim*, isto é, não se endereçando a ninguém, para além de toda pessoa determinada?

Os estudos modernos sobre a linguagem já o mostraram suficientemente: a comunicação é uma pragmática (comunicar, manipular, produzir um efeito sobre alguém). Não se trata de negar que também a produção cultural produza efeitos, efeitos realistas, autoconservativos: glória e lucro. Avancemos um pouco mais. A produção cultural pode ser submetida parcialmente a uma pragmática diretamente sexual. Um saxofonista de jazz, numa entrevista recente, diz o seguinte: “Não esqueça de dizer uma coisa para aqueles que não sabem que instrumento escolher: nenhuma garota resiste ao saxofone”. Trata-se aqui da sedução que chamo de “restrita”. Sem dúvida o saxofone permite conquistas; o romance e a pintura também. Mas que caminho árduo, que extraordinária superação para chegar lá! Superação de si mesmo, mas sobretudo superação na direção de um outro que não é mais determinado, e que só por acidente poderia ser objeto de uma conquista sexual individual. Superação, transcendência na direção de um outro = X.

Por esta dimensão, a produção cultural se situa de saída *para além*

de qualquer pragmática, de qualquer adequação dos meios a um efeito determinado. O problema do destinatário, dos destinatários anônimos, é essencial para descrever a situação poética. Um destinatário que é por essência enigmático, mesmo se toma por vezes traços individuais. Assim é Theo para Van Gogh, um Theo tão analista sem saber quanto o é Fliess para Freud. Pois ele deixa entrever atrás de si a multidão sem nome, destinatária da mensagem lançada.

Será que estou descrevendo um fenômeno elitista, reservado a alguns poucos, e não uma dimensão

O destinatário da produção cultural é sempre anônimo, ignorado, futuro: mas é com ele que há transferência.

constante da humanidade? Não creio, pois aquilo que se pode designar como “o cultural” existe desde que o homem é homem: pinturas rupestres, ídolos e, provavelmente, música e poesia. O que se nota aí, e que caracteriza o cultural, é um endereçamento a um outro fora de alcance, a outros, “esparso no futuro”, diz o poeta. Um endereçamento que repercute, prolonga, faz eco às mensagens enigmáticas pelas quais o próprio *Dichter* foi, se se pode dizer assim, bombardeado:

“*Calme bloc ici-bas chu d’un désastre obscur*”<sup>(8)</sup>.

Como denominar aquele que acolhe, recolhe a obra cultural? “Consumidor” é muito prosaico e nos reconduz à auto-conservação. “Destinatário” ou “alocutor” supõem a relação diretamente endereçada a tal indivíduo, para ter efeito sobre ele. “Leitor” só vale para o escrito. “Amador”, talvez? “Receptor” é o termo que teria a minha preferência. Faz parte da essência do produto cultural o fato de chegar a quem o recebe sem *pedigree*, e de por ele ser recebido sem lhe ter sido explicitamente endereçado. A relação do receptor com o enigma é então diferente, parcialmente invertida, em comparação com a do autor. Mas também aqui esta relação é essencial, renovando o aspecto traumático e incitador do enigma infantil.

O que acabo de propor, de esboçar sobre o cultural, é um pouco precipitado. Seria preciso acrescentar a relação no receptor-analista (ou simplesmente, “crítico de arte”), por sua vez preso entre dois fogos: o enigma que lhe é endereçado, mas também o enigma de seu endereçamento, de seu público (pois se esquece demasiadamente que fazemos sempre psicanálise fora do tratamento para escrevê-la, para por sua vez comunicá-la).

É a oferta que cria a demanda. Proposição constante no domínio cultural. O reino das necessidades humanas - inegável, mas verdadeiramente mínimo no domínio vital, biológico - é completamente recoberto pela cultura. O indivíduo biológico, o ser vivo humano, é inteiramente atravessado pela invasão do cultural, que é por definição intrusivo, incitador e sexual. Como é possível que a análise tenha perdido de vista esta verdade, que estava pronta para vir à tona com a teoria da sedução?

Este esquecimento e o longo extravio que dele resulta se verificam tanto na teoria psicanalítica do ser humano quanto na concepção da transferência no tratamento. Nos dois casos não se sai de uma concepção

monadológica, autocentrada. Tudo é reconstruído a partir do centro, todos os mecanismos são concebidos como tendo por sujeito a pessoa de quem se fala, digamos Pierre ou Sigmund. É Pierre que transfere, Pierre que projeta. E mesmo se o movimento é centrípeto, é ainda Pierre que introjeta<sup>(9)</sup>.

Com Freud, na transferência, é um sujeito completamente equipado com seus conflitos - em M. Klein, uma pessoa estorvada por seus instintos e por seus objetos - que vem trazê-los para a análise. Com Ferenczi introduz-se talvez a noção de reciprocidade; mas ela apenas põe em relação duas mônadas, a propósito das quais, *a partir deste momento* e com razão, este autor pode se perguntar o que significa que uma seja designada como analista e a outra como analisado. Reciprocidade, mutualidade, resposta da contra-transferência à questão da transferência, e inversamente, tudo isso decorre do fato que a flecha da assimetria analítica não foi situada com precisão. Com Lacan, às vezes se parece sair da monadologia. Mas as formulações hegelianas sobre o desejo como desejo do outro transformam-se facilmente em círculo, desejo do desejo do desejo...; um círculo sem fim, que favorece a assimilação do inconsciente a uma linguagem, e a afirmação de que este inconsciente é transindividual. Sem dúvida há nele abertura, mas abertura a todas as direções da linguagem. Quanto às categorias da necessidade, do desejo e da demanda, desde então correntemente aceitas, banalizadas, integradas na clínica quotidiana, elas se prestam demasiado bem ao recentramento monadológico. O desejo ou a demanda do analisado: pontos de partida de sua transferência.

Será que podemos alcançar esta conversão intelectual, esta inimaginável "torção": abandonar a flecha centrífuga, desfazer-mo-nos da idéia de que tudo já está na sacola de Pierre, neste "infatigável *percipiens*"

de que fala Lacan, expressão que se encontra num de seus momentos inspirados, o artigo sobre a psicose? Ele denuncia, com razão, um primado da projeção, até mesmo na concepção da alucinação. Tudo estaria na "loja de acessórios" interna, e a questão, simplista, se reduziria a "fazer passar o interior para o exterior"<sup>(10)</sup>.

Será que nos é possível conceber que a flecha, o vetor originário, vá no sentido inverso? Inverter a flecha, não para nos perguntar qual desejo no analista corresponde ao desejo do analisado, e recair assim na simetria transferência/contra-transferência. Existe sem dúvida um "desejo do

A flecha da  
assimetria analítica  
vai sempre do  
paciente para  
o analista: convém  
rever esta imagem  
tão enraizada.

analista", e mesmo vários, e bem diversos. Mas a questão que me coloco é outra. Será que somos capazes de conceber que é a oferta de análise, a oferta do analista, que cria ... o que? Não a análise, mas sua dimensão essencial, a transferência. Talvez não toda a transferência, mas aquilo que é a sua base, sua alma e seu motor, isto é, a reabertura de uma relação, da relação originária, onde o outro é primeiro em relação ao sujeito. Uma reabertura, já que todo o movimento de constituição do sujeito se fez por um fechamento, que é justamente o recalçamento, a

constituição das instâncias, a colocação do outro no interior e seu confinamento sob a forma do inconsciente.

O que oferece a análise? O que é a situação analítica? Pode-se formulá-lo, reformulá-lo ainda: eu o tentei longamente com a imagem da tina<sup>(11)</sup>. Aqui eu proporia três dimensões, três funções do analista e do que ele instaura: o analista como garantidor da constância; o analista como piloto do método e acompanhador do processo primário; o analista como guardião do enigma e provocador da transferência.

As duas primeiras funções são correlativas: garantidor da constância e piloto do método. Sem elas não há análise, e, mais precisamente ainda, sem a segunda a análise não existe. É o que diz Freud: a análise é um método de acesso a fenômenos mais ou menos inacessíveis de outro modo. O método é justamente a decomposição; sua pilotagem obedece à corrente, às correntes do processo primário. Ele analisa, isto é, dissolve. Obedece ao princípio do zero, que consiste na colocação em marcha do que Freud designou, à sua maneira, como a "pulsão de morte" que não tem nada de mortal biologicamente, mas que, potencialmente, leva à dissolução de todas as formações psíquicas, egológicas, ideológicas, sintomáticas. Mas, em contrapartida a este aspecto de desligamento e de liberação das energias psíquicas, o psicanalista se oferece como garantidor da constância. Continência, foi dito, manutenção: constância de uma presença, constância de uma solicitude, constância flexível, mas atenta, de um quadro. *Constância e zero*, são estes, segundo penso, os dois verdadeiros princípios do funcionamento psíquico<sup>(12)</sup>. A imagem do ciclotron, a imagem da tina, a imagem do sonho, se reúnem aqui; no sonho o eu se instala inteiramente na periferia, como desejo de dormir, deixando o campo livre ao processo primário. Acontece a mes-

ma coisa, neste ponto preciso, com a situação analítica: é somente porque há continência que existe possibilidade de análise. É porque há manutenção, na periferia, do princípio de constância, de uma homeostase, de uma *Bindung*, que o desligamento analítico é possível.

Modelo do sonho. André Green notou isso e o criticou: a sessão analítica é concebida por Freud sob um modelo solipsista, o do capítulo VII da *Traumdeutung*. Mas não estou certo de que um modelo que seria “intersubjetivo” possa remediar isso. É-me preciso voltar aqui à idéia de oferta, e a esta terceira função do analista: guardião do enigma e provocador<sup>(13)</sup> da transferência. O que é *oferecido* é um lugar de palavra, de palavra livre, mas não, propriamente falando, um lugar de troca. Existe uma essencial dissimetria da relação. Lacan já falava de “disparidade subjetiva”. Mas é preciso ir mais longe, na direção de algo difícil de pensar, tão difícil de pensar quanto a prioridade do outro na constituição do sujeito sexual. Tentei assim retomar o termo “sujeito suposto saber”, indicando ao mesmo tempo o quão pouco Lacan o havia explicitado. Tentemos então fazê-lo.

O que é proposto com a oferta social, quotidiana e banal da análise é seguramente uma resposta às questões do paciente: o que é que eu tenho? O que devo fazer? Acrescentaria a terceira questão de Kant: o que me é permitido esperar? O que é proposto é uma terceira via na direção da verdade, que se supõe levar ao bem, a um “estar melhor”. Mas o analista não é um guru, nem um pregador, nem um oráculo, ao contrário do que poderiam fazer crer certas práticas. Ele traz, isto sim, uma experiência e um saber, o método, mas também uma recusa radical de saber o bem de seu paciente, de saber a verdade que concerne ao seu bem.

“Benevolente neutralidade”, dois termos que fazem um só e que nos

introduzem em pleno paradoxo. Bene-volência: “querer o bem” do outro, sem pretender jamais conhecê-lo, sem manipular o paciente, mesmo para seu suposto bem. Com a palavra neutralidade, a coisa fica pior ainda, e isto desde Freud. A imagem da neutralidade é infalivelmente a da tela branca, e mesmo a do espelho. Oferecer o máximo de lugar possível à projeção, deixar todo o espaço ao solipsismo, mesmo se para desmontá-lo por uma confrontação: “você está vendo, é *você que*” ... Em suma: *você projetou, e eu lhe reenvio sua projeção, eu contra-projeto*. Concepção de espelho, artificialista,

É a manutenção da alteridade interior que permite a manutenção da alteridade na transferência.

quase experimentalista, da neutralidade: as condições da experiência deveriam poder ser descontadas, cada um deve se retirar do jogo com aquilo com que entrou.

É preciso chegar a uma concepção positiva, criadora, da neutralidade, produtora da dimensão enigmática. É aqui que convém completar nosso curto diálogo por esta resposta do analista:

*Analista*: sim, você pode me tomar por um outro porque eu não sou quem acredito ser; porque respeito e mantenho o outro em mim.

É a manutenção da dimensão de

alteridade interior que permite a instauração da alteridade na transferência. Relação interior, relação ao enigma, “relação de desconhecido”: “Se a relação é suficientemente livre ... ela se torna, para o psicanalista, o suporte de sua disponibilidade em relação à sua própria realidade psíquica, à sua teoria e a seus analisados. A estes, ela assegura o acesso à diversidade de seus desejos”. Citei Guy Rosolato<sup>(14)</sup>. Não assinalarei aqui minhas pequenas diferenças em relação a esta noção, “relação de desconhecido”<sup>(15)</sup>, mas encontrarei nela o correspondente do que para mim é a manutenção da interpelação do analista pelo enigma. Esta manutenção não somente assegura o acesso à diversidade dos desejos, mas verdadeiramente *cria, provoca a transferência*.

“Transferência em cheio, transferência em oco”. Finalmente, é uma coisa simples que tentei exprimir assim. Oferecemos ao analisando um “oco”, nossa própria benevolente neutralidade interior, a neutralidade benevolente em relação ao nosso próprio enigma. O analisando pode colocar nisso algo de cheio ou algo de oco. Algo de cheio é despejar lá sua sacola; algo de oco é colocar lá um outro oco, o enigma de sua própria situação originária. Então é à situação originária infantil que somos remetidos. O enigma sexual é proposto pelos adultos à criança, ele é *endereço*, e este endereço é enigmático na medida em que o outro (o emissor) não sabe tudo o que diz: ele é outro para si mesmo. É neste sentido que falei de *transcendência da transferência* e de *transcendência da situação originária*. Uma situação originária que podemos chamar, paradoxalmente, de “*transferência originária*”. Ela não é, claro, o transporte de outra coisa; mas no entanto, por um tipo de passagem ao limite, pode-se considerá-la como tal, já que contém o motor da transferência, isto é, o desdobramento, a diplopia que *lhe* é própria. O enigma sexual, provocador, traumatizante, do adulto: a criança procura o tempo todo controlá-lo, traduzi-lo, fazê-lo entrar na



constância. Toda evolução se faz então no sentido de um duplo fechamento à mensagem do outro. Fechamento do lado do que dela pode ser traduzido, teorizado, isto é, mais ou menos ideologizado. E também fechamento por confinamento, por recalçamento do resíduo anamórfico das mensagens, isto é, daquilo que resistiu à simbolização<sup>(16)</sup>.

A análise - e talvez ela se apresente nisso ao lugar cultural - oferece uma reabertura da dimensão da alteridade. Mas, é claro, nesta abertura alguma coisa deve vir se colocar: aquilo que, precisamente, foi confinado.

Colocar-se para se abrir, mas também para se analisar. Pois o que é novo na análise em relação à cultura não é a transferência, mas ... a análise, isto é, a *Lösung*. E volto ainda a esta definição de Freud: a análise é antes de tudo um método de acesso aos processos inconscientes. *Lösung*: análise, solução e resolução, dissolução, termo infelizmente intraduzível em francês, com todos os seus compostos *Auflösung*, *Erlösung*, *Ablösung* ... Não há dissolução da transferência enquanto tal. Há resolução ou dissolução das transferências em cheio na transferência em oco.

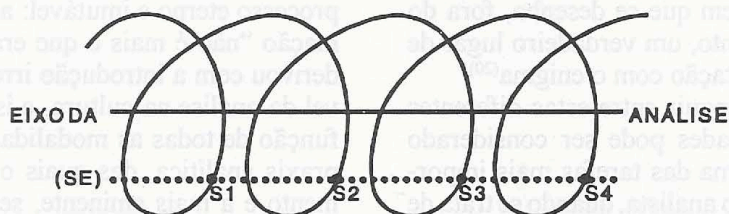
A partir de então, e nesta saída que considero como a mais analítica, qual é o destino da transferência em oco? Isto me conduz a terminar com minha noção de "transferência de transferência"<sup>(17)</sup>. Se a transferência, exatamente como nossa interpeção pelo enigma, existe antes, existe fora da análise, se ela é uma dimensão fundamental do ser humano, o que se impõe como uma saída digna da análise não poderia ser o fim desta abertura<sup>(18)</sup>.

Em outros lugares - durante a análise, fora da análise - outras possibilidades de "transferência", outros polos para uma elaboração do destino individual, fazem sinal ao analisando. Situação complexa, onde se impõem discriminações, e que não pode ser encarada sem levar em consideração um fator capital sobre o qual não falei até aqui: o caráter

cíclico da dinâmica transferencial. Este fato de experiência - que a elaboração do sujeito repassa periodicamente por pontos, lembranças e fantasias cujas seqüências se organizam de maneira análoga - encontra seu exato correspondente na teoria "tradutora" que desenvolvemos: não há nova tradução sem que se repasse primeiro pelas traduções antigas, para destruí-las em proveito de uma nova tradução. Processo que pode ser puramente repetitivo, sendo

chegada" se enriqueceu e, excepcionalmente, modificou-se.

Introduzo aqui, a propósito da transferência, um modelo que me é familiar, o modelo da espiral<sup>(19)</sup>. Círculo ou espiral definem, um e outro, movimentos de gravitação. No primeiro caso este movimento se realiza em torno de um ponto; no outro, ao longo de um eixo. Mas a espiral só progride se torna a passar verticalmente sobre os mesmos significantes enigmáticos:

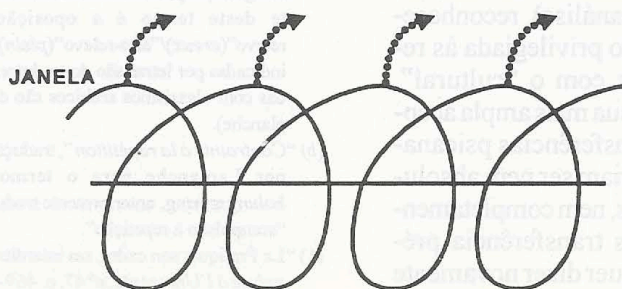


as mesmas trilhas - vias da rotina - indefinidamente retomadas. Se a transferência em oco - o ponto de atração que constitui o enigma, renovado pelo analista - está na própria origem do movimento de gravitação, isso não garante que uma órbita possa permanecer, indefinida ou temporariamente, estacionária. Outros ciclos, ao contrário, trazem a certeza de uma defasagem, de uma mudança de nível. Os mesmos temas são efetivamente percorridos de novo, "retraduzidos", mas a "língua de

Chama-se "janela", em astronáutica, um lapso de tempo preciso em que o lançamento de uma astronave é possível. Pode ser a colocação em órbita a partir do solo terrestre, ou a partida, de um satélite já em órbita, de uma nave destinada a sair do sistema de gravitação terrestre.

Do mesmo modo, para as saídas da análise, há janelas favoráveis que podemos julgar oportuno utilizar; caso contrário, a gravitação se instaura novamente para mais uma espira.

Os parâmetros em questão, en-



tretanto, não são menos complexos - são sobretudo, mais conjecturais e aleatórios - do que na navegação interestelar: uma espira a mais será inútil, uma pura repetição, ou será que um certo potencial de elaboração na análise permanece presente? Do mesmo modo, aquilo que "faz sinal" de fora pode ganhar significações diversas: saturação, bem a propósito (!), das valências liberadas pela transferência em oco, e que termina com um novo e eventualmente definitivo fechamento; transferência lateral, que se propõe talvez sob o signo da novidade, mas ao preço de uma ruptura intempestiva da espira em curso; transferência de transferência, em que se desenha, fora do tratamento, um verdadeiro lugar de confrontação com o enigma<sup>(20)</sup>.

Distinguir entre estas diferentes modalidades pode ser considerado como uma das tarefas mais importantes do analista, quando se trata de propor um término de análise ou de aquiescer à sua proposição. E é preciso ainda convir que freqüentemente os resultados não são nitidamente delimitados, nem facilmente previsíveis. Por outro lado, o narcisismo do analista corre o risco de cegá-lo, fazendo-o minimizar o que se oferece no exterior como perspectiva de elaboração progressiva. Finalmente, o controle do analista, no fim do processo como durante seu prosseguimento, é largamente ilusório. Mas um controle que reconhece seus limites e admite sua própria deposição é uma coisa diferente daquele que se crispa para finalmente fracassar.

Dentre as transferências existentes "antes" da análise (antes da análise de tal indivíduo e antes da criação histórica da análise), reconhecemos uma posição privilegiada às relações múltiplas com o "cultural", considerado em sua mais ampla acepção. Ora, as transferências psicanalíticas não poderiam ser nem absolutamente idênticas, nem completamente diferentes das transferências pré-analíticas. Isto quer dizer novamente

que o lugar do cultural como lugar de uma interpelação enigmática, com cem bocas e mil ouvidos, permanece privilegiado quando se trata de transferência de transferência.

A isto se acrescenta um fator essencial: a análise não pode deixar de levar em conta o fato de que ela mesma também está presente, e de maneira privilegiada, na "cultura" que sua própria intervenção in-formou e transformou. Propus, faz muitos anos, a idéia de que a sublimação havia mudado com a psicanálise; não nossa maneira de conceber a sublimação, mas efetivamente a própria sublimação. Em outros termos, é impossível falar dela como de um processo eterno e imutável: a sublimação "não é mais o que era", ela derivou com a introdução irreversível da análise na cultura, e isso em função de todas as modalidades da praxis analítica, das quais o tratamento é a mais eminente, sem que seja, talvez, a que tenha o maior peso. O analisando, saindo do tratamento para se submeter a novas gravitações, encontra obrigatoriamente, nos lugares da transferência, esta presença da análise em expansão. Não é necessário pensar - como queria Lacan - que a única análise digna deste nome seja a que conduz à prática do tratamento, para afirmar que a experiência analítica não pode ser um simples parêntese, aberto um dia e fechado num outro, no destino do indivíduo humano. E isto, mesmo que ele próprio não se torne um psicanalista praticante.

## NOTAS

- (a) "*Transfert en creux*": o termo remete ao espaço contido numa cavidade, e não a "vazio". Uma imagem que pode elucidar a estranheza aparente deste termo é a oposição "baixo-relevo" (*creux*) "alto-relevo" (*plein*). (As notas indicadas por letras são do tradutor, as indicadas com algarismos arábicos são de Jean Laplanche).
- (b) "*Contrainte à la répétition*", tradução proposta por Laplanche para o termo *Wiederholungszwang*, anteriormente traduzido como "compulsão à repetição".
- (1) "*La Pratique: son cadre, ses interdits*". *Psychanalyse à l'Université*, nº 47, p. 469-485, 1987.

- (2) Lembro os cinco eixos segundo os quais Rosolato situa toda prática psicanalítica: logodinâmico, transgressivo, idealoducto, tecnológico, em negativo. *Ibid.* p. 483.
- (3) D. Lagache, "*Le Problème du Transfert*" (1951), in *Oeuvres III, Le transfert et autres travaux psychanalytiques*, Paris, PUF, 1980, p. 1-114.
- (4) *Problématiques V: Le baquet. Transcendance du transfert*, Paris, PUF, 1987, em particular p.13-29.
- (c) O jogo de palavras de D. Lagache - "*dérailonnons/raisonnons*" - se oculta na tradução.
- (5) Colóquio de 24 e 25 de novembro de 1990. Esta mesa-redonda, da qual participaram Roger Dorey, André Green, Guy Rosolato e Gérard Bonnet (moderador), foi publicada em *Psychanalyse à l'Université*, 1991, nº 64, p. 3-28.
- (6) Escreve Lagache: "Se se toma a transferência no sentido amplo, torna-se difícil fixar seus limites. Com efeito, toda conduta é uma dosagem de assimilação da situação presente a hábitos antigos e de ajustamento dos hábitos antigos à situação presente. No homem, a idéia de uma conduta absolutamente nova, que não implicasse de modo algum a transferência de hábitos antigos, é impensável. O que pode ser novo é a organização dos hábitos antigos, do repertório dos quais o indivíduo se baseou." *Oeuvres III*, p. 80.
- (7) "Receptor": ver p. —
- (8) Um estudo renovado de fenômeno da "inspiração" poderia tomar como fio condutor a idéia de que aqui ocorre transferência da relação de sedução originária. (N.T.: o verso citado é de S. Mallarmé, *Le Tombeau d'Edgar Poe*).
- (9) Cf. "Implantation, intromission", in *La Révolution copernicienne inachevée*, Paris, Aubier, 1992, p. 355.
- (10) L. Lacan, *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 541-42. Vemos duas razões para que Lacan obtenha apenas sucesso parcial no descentramento radical que se faz necessário, bem como para que não formule isso claramente no seu seminário sobre a transferência: 1. uma concepção abstrata e puramente lingüística do significante, o "Outro", e que reduz ao "tesouro dos significantes" de modo inteiramente impessoal. 2. O desconhecimento total da teoria da sedução, única a permitir repor a dita "supremacia do significante" em seu quadro originário: a prioridade real do adulto concreto sobre a criança.
- (11) *Problématiques V: Le baquet*, op. cit. (N.T.: o termo *baquet* refere-se ao objeto trivial que denominamos tina (tina de lavar roupa, banho de tina, etc.) Não é nem um *tanque* (cf. trad. bras. de *Problématiques V*) nem uma *cuba* (trad. port. de *Nouveaux Fondements*), ambos muito gerais e mesmo errôneos quanto ao referente).
- (12) Cf. "Les Principes du fonctionnement psychique", in *La Révolution copernicienne inachevée*, op. cit. p. 89-106.
- (13) O termo *Reiz*, tão difícil de traduzir em seu duplo emprego, nos guia aqui. O *Reiz*, em neurofisiologia, e na metapsicologia freudiana, é o estímulo: aquilo que ataca do exterior, e provoca a mudança. Mas é também o *Reiz* de uma pessoa: atração, sedução, *sex-appeal*, provocação (uma

mulher provocante ...). Em germânico, *wraitjan* significa propriamente “fazer rasgar” (*reissen machen*), “causar o fato de alguém sair de si mesmo” (cf. também *herausfordern*, desafiar, provocar, fazer perder as estribeiras). A palavra francesa *provocation* recobriria bastante bem os dois sentidos, na linha da teoria da sedução.

- (14) *La Relation d'Inconnu*, Paris, Gallimard, 1978, p. 15.
- (15) Sobretudo: segundo penso, o desconhecido não está forçosamente do lado materno.
- (16) Face à alteridade do outro, os métodos de defesa são invariavelmente os mesmos: tentativa de assimilação, negação da diferença, segregação, destruição. Nós os encontramos, evidentemente, nas atitudes em relação às diferenças culturais e étnicas. Mas o que falta a todas as análises do “racismo” é levar em consideração a clivagem interna inerente ao outro em si mesmo: é esta alteridade interna que está na raiz da angústia face à alteridade externa; é ela que procuramos reduzir, a qualquer preço.
- (17) Notei, muito incidentalmente, que Reich foi o primeiro a utilizar estas palavras, querendo significar com isso que o processo analítico era assunção, chegada à genitalidade e ao orgasmo, e, que, uma vez atingido este termo, o analisado devia transferir para fora esta genitalidade recuperada. Entre a concepção de Reich (transferência de um cheio para outro cheio) e a maneira pela qual proponho estes termos, existe de fato uma completa antinomia. A transferência em oco não é o resultado de um processo nem de uma evolução. Não é mensurável pelos critérios de normalidade e de anormalidade. Ela é a base da transferência, sua dimensão irreduzível de alteridade.
- (18) Lagache, como se sabe, quis aproximar a repetição transferencial do “efeito Zeigarnik”: as tarefas inacabadas tendem a ser mais bem lembradas e mais frequentemente retomadas do que as tarefas acabadas (cf. *Oeuvres III*, p. 93, 135, 166). O único sentido que posso dar a esta aproximação é que a transferência não pode ter como destino o fechamento, porque é retomada e reelaboração de nossa relação com os enigmas originários: relação, por essência, inacabada.
- (19) Numa linguagem matemática rigorosa, trata-se na verdade de uma hélice.
- (20) Dentre as circunstâncias favoráveis ao término de uma análise, não hesitamos em tomar em conta, além da dinâmica interna (espirais e janelas) também a situação externa. Para ser ainda mais preciso: não somente as capacidades do sujeito para fazer face a dificuldades e conflitos novos (cf. “Análise finita e infinita”), mas os polos de nova gravitação, e mesmo as “provocações” que podem surgir do exterior. Isto é o inverso de uma concepção - novamente monológica - que só tomasse em consideração as modificações “internas” na estrutura da personalidade.
- (21) *Problématiques III : La sublimation* (trad. bras. Martins Fontes: *A Sublimação*), especialmente 2ª parte, “Fazer derivar a sublimação”, e em particular as páginas de conclusão.